

# As relações sociais nos contos de Lygia Fagundes Telles

Maria do Rosário Alves Pereira  
Universidade Federal de Minas Gerais

A escritora Lygia Fagundes Telles começou sua carreira literária em 1938, com a publicação de *Porão e sobrado*, livro de contos hoje praticamente esquecido pela crítica e pelo público, devido ao fato de não ter sido reeditado recentemente com o restante de sua obra, a pedido, inclusive, da própria autora, que o considera um livro “morto”, como mortas também todas as obras anteriores a *Ciranda de pedra*, publicado em 1954. É aclamada pela crítica e membro da Academia Brasileira de Letras; no entanto, ao contrário do que se possa imaginar, não se encontram muitos estudos de fôlego sobre sua obra.

O objetivo deste trabalho é estudar algumas relações sociais que são tecidas entre as personagens criadas por Lygia Fagundes Telles nos contos “A medalha” e “O espartilho”, ambos do livro *A estrutura da bolha de sabão*, de 1978, publicado inicialmente com o título *Os filhos pródigos*. O gênero conto é, segundo a própria autora, “uma forma arrebatadora de sedução”, o qual deve condensar com a força e a vitalidade máximas aquele instante rápido de vida das personagens, “de certo modo, limitadas”, pois limitado o formato do conto. Em ambos os textos aqui estudados, as personagens seduzem o leitor porque imbricadas em relações familiares problemáticas e, enquadradas em certas conjunturas sociais, deixam entrever pensamentos e comportamentos os quais, por trás da aparente ordem, nem sempre são “politicamente corretos”.

Em “A medalha” temos uma jovem, Adriana, prestes a se casar e que, na véspera do matrimônio, como todas as noites anteriores, chega em casa tarde por ter ido encontrar-se com seu amante. Surpreendida pela mãe, as duas iniciam um diálogo perverso através do qual se percebe, ao final da leitura, que por trás de uma sociedade aparentemente liberal muitos preconceitos ainda permanecem arraigados.

No início do texto, a mãe parece sintetizar “a moral e os bons costumes”: critica e rejeita as atitudes libertinas da filha, comparando-a ao pai, um “cínico”, de quem herdara a personalidade. Questionada pela matriarca por sua descompostura – afinal, como adentraria a igreja

daquele jeito? com aquela cara? com olheiras? – Adriana retruca: “E daí? O véu vai cobrir minha cara, o véu cobre tudo, ih! tem véu à beça.”<sup>1</sup> O véu é uma espécie de metáfora para as “máscaras sociais” que ocultam a sordidez e a hipocrisia de certos comportamentos. Afinal, as pessoas não têm tanta clareza com relação ao que se oculta atrás de um véu, de uma máscara; ou mesmo fingem que não sabem e não vêem. Em uma leitura possível, essa parece ser a atitude do noivo que, provavelmente com vistas a um suposto “branqueamento”, opta por casar-se com uma “loira oxigenada” que se comporta como uma “qualquer” mas que, ainda assim, traz no sangue o componente branco necessário para que os de “raça inferior” se elevem socialmente. A passagem a seguir ilustra o que acaba de ser comentado, no diálogo entre mãe e filha:

- Você já teve dúzias de homens e nenhum quis [casar-se], só mesmo esse inocente do seu noivo...
- Mas ele não é inocente, mãezinha. Ele é preto. (...)
- Por que você diz isso? (...) Responda, Adriana, por que você diz isso? Que ele é preto. (...)
- Oh! meu Deus... Porque é verdade, querida. E você sabe que é verdade mas não quer reconhecer, o horror que você tem de preto. Bom, não deve ser mesmo muito agradável, concordo, um saco ter uma filha casada com um preto, ih! que saco. Preto disfarçado mas preto. Já reparou nas unhas dele? No cabelo? Reparou, sim, você é tão esperta, um faro! (...) Seus netos vão sair moreninhos, aquela cor linda de brasileiro.<sup>2</sup>

E Adriana complementa: “Se encher muito, despacho o negro lá pros States... [pra] Little Rock! (...) A diversão lá é linchar a negra.”<sup>3</sup> É interessante observar que provavelmente tratava-se de um mestiço, pois a referência à personagem é “negro disfarçado”. Delineia-se aí um problema identitário: diversos estudiosos já apontaram o “não-lugar” socialmente ocupado pelo mestiço, pois este, não sendo nem branco nem negro, não teria uma identidade definida, ora pendendo a uma cultura,

---

<sup>1</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 12.

<sup>2</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 13.

<sup>3</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 14.

ora a outra. Nesse conflito, muitos mestiços parecem tentar assemelhar-se aos brancos pelo fato de estes ocuparem geralmente os postos mais elevados na hierarquia social, e um dos mecanismos utilizados para esse “branqueamento” é justamente o matrimônio com pessoas “brancas”, o que parece ser o caso da personagem no conto aqui estudado. Isso fica claro na fala de Adriana acima citada: “ele não é inocente, (...) é preto”, o que faz supor que o noivo aceitava passivamente esse comportamento libertino da futura esposa, pois tinha consciência de que, na atual conjuntura, um matrimônio como esse poderia significar o alcance do tão almejado *status* social.

Vale ressaltar que isso é *sugerido* no conto, não é explicitado, como em momento algum, por exemplo, explicita-se que a mãe tinha aversão a negro. É pela sutileza da linguagem, marca aliás preponderante em toda a literatura de Lygia, que o leitor é convidado a perceber que o preconceito há tempos já estava cristalizado na família de Adriana. A mãe, suposto ícone de uma sociedade que preza valores, e quem supostamente sai em defesa do “pobre” noivo no diálogo travado com a filha, mais adiante, ao lembrar da primeira vez em que viu Adriana atracando-se com um primo na escada de casa, afirma que ele era um “devasso”: “E aquelas doenças todas? Vivia dependurado em negras, viveu anos com aquela empregada peituda, pensa que não sei?”.<sup>4</sup> Ou seja, no discurso aparentemente condenatório apenas do comportamento do jovem, desvela-se toda uma postura racial discriminatória que não pertence apenas à personagem, mas faz parte de um comportamento por vezes generalizado na sociedade brasileira como um todo, o de um “racismo cordial”, camuflado, que se manifesta nas entrelinhas do discurso e das ações sociais. Ao referir-se ao fato de que o primo de Adriana *vivia dependurado em negras* e, concomitantemente, *vivia cheio de doenças*, ela associa um fato ao outro: o relacionamento com as negras é que teria sido o suposto causador dessas doenças, e não sua promiscuidade.

O conto encaminha-se para seu desfecho, no qual a mãe entrega a Adriana uma medalha que, conforme a tradição da família, era passada através de gerações de mãe para filha na véspera do casamento. Adriana, em um gesto que parece simbolizar repúdio a essa tradição e, de certa forma, um repúdio a essa hipocrisia de uma sociedade que prega valores de respeito às diferenças e cidadania, os quais não aplica na prática –

---

<sup>4</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 15.

ainda que a própria personagem também esteja imbuída deste sentimento de “vamos manter as aparências conforme nos convém” –, coloca a medalha em seu gato e o devolve à mãe. São os *detalhes* que conferem sentido à narrativa: o detalhe do que é dito, pequenas frases falsamente despretensiosas, os pequenos objetos que guardam uma simbologia dada pelo uso que deles fazem as personagens. Segundo a crítica Josyane Savigneau, do jornal *Le Monde*, “(...) a escritora revela singular gosto pelo detalhe aparentemente inocente mas denunciador da crueldade e da violência nas relações humanas”.<sup>5</sup>

No conto “O espartilho” essa crueldade é ainda mais veemente na personagem da avó que cria uma adolescente judia, Ana Luísa, em plena Segunda Guerra Mundial. A avó resume em si as qualidades de uma burguesia preconceituosa que via em Hitler um grande líder. A menina, cujo pai era Rodrigues – filho dessa avó “nazista” – e cuja mãe era Ferensen – o “lado ruim”, a descendência judia – desde cedo é criada pela avó, pois os pais haviam morrido em um acidente de trem. E desde cedo também aprendera a introjetar valores de uma sociedade que vive de aparências, e é no que é “forjado” que as pessoas encontram seu pouso seguro: “Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. (...) Não havia o medo. No princípio.”<sup>6</sup>

Sem saber que sua mãe era judia, aprende com a avó a ser preconceituosa, arte de fingir, do bom tom, de ser *sempre* amável com as pessoas, de mentir quando necessário. Em suma, a arte da conveniência. E tão acostumada ao jeito de ser da avó, tão certa de que seu comportamento era um exemplo a ser seguido, Ana Luísa não hesita sequer em delatar a amiga Margarida, sua pajem negra, quando essa relaciona-se com um moço branco. A avó faz valer sua força: “Margarida, pode ir lavando a cara que você não vai ver esse moço. Ele é branco, querida. De família importante. Eu seria uma criminosa se consentisse nesse namoro.” Ao que a neta completa: “Minha avó tem razão, agora você vai arrumar um outro namorado que seja assim da sua cor, presta atenção, da sua cor.”<sup>7</sup>

O episódio, que marca o fim da união entre as duas meninas e mostra o quanto o pensamento da avó estava incutido no de Ana Luísa, também vai ser o responsável por trazer à tona a verdade. Margarida,

---

<sup>5</sup> Quarta capa do livro *A estrutura da bolha de sabão*, edição de 1999.

<sup>6</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 29.

<sup>7</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 36.

indignada com a situação, acaba por desmascarar a família, aos olhos de Ana Luísa um exemplo de correção, fazendo cair por terra o véu de mistérios que cobria cada uma das figuras “espartilhadas” do velho álbum de fotografias. Sua descendência judia é revelada. O álbum que a avó lhe mostrava era receptáculo de um mundo de ilusões e fantasias para a menina: uma família perfeita, na qual todos eram felicíssimos. Mas esse “castelo encantado” não se sustenta por muito tempo. Às confissões de Margarida a narradora-personagem Ana Luísa – este foco narrativo será significativo para se observar a transformação que se processa na personagem ao longo do conto – reage “com violência: uma agregada, uma cria e ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis? Não, não podia haver nenhuma sujeira de ambição e sexo nos corações espartilhados dos mortos do álbum.”<sup>8</sup> O trecho é significativo para que se possam observar dois traços da personalidade de Ana Luísa: primeiro, ao chamar Margarida de “agregada” e “mestiça”, Ana Luísa revela mais uma vez seu preconceito de classe e raça herdado da avó. Uma pessoa nas condições de Margarida jamais poderia questionar uma família cujos integrantes só tinham “olhos verdes”, como sempre fazia questão de lembrar a avó. O segundo traço é a revolta com que reage a personagem e seu esforço por negar a verdade: essa seria a melhor maneira de manter o *status quo*, absolutamente cômodo, e apaziguar sua consciência. De posse da verdade sobre sua família, Ana não consegue encarar e desafiar a avó:

Eu estaria salva se naquela manhã a enfrentasse. E minha mãe, quero saber a verdade sobre minha mãe, vamos avó, quero a verdade! Em vez de alimentar sua gula de intrigas, acabaria com aquela farsa que estava me aniquilando, falaríamos de igual para igual. Fui esmorecendo, recuando só em pensar na pergunta-chave: minha mãe era judia? Senti a cara arder. Jamais poderia interpelar aquela avó-rainha.<sup>9</sup>

A avó é o próprio símbolo do poder. No entanto, se a neta não consegue desafiar-la, tampouco consegue ser a mesma pessoa daí em diante. Já não obedece mais ao jogo social do qual outrora fazia parte.

---

<sup>8</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 31-32.

<sup>9</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 40.

Ao descobrir-se judia há uma mudança de perspectiva no perfil da personagem, que cada vez mais afasta-se do mundo. A hipocrisia fácil que lhe permitia ajustar-se nas mais diversas situações cede lugar ao medo da rejeição – ainda que anteriormente também fingisse por medo, embora não soubesse ao certo de quê. Perde a “graça da representação”: a de ser a boa neta, perfeita, “Rodrigues até no andar”, como dizia a avó, pois em tudo se assemelhava ao pai, e em nada à mãe judia. Essa tentativa da avó de ocultar a identidade da neta não vai muito longe após a revelação: sabendo-se judia, a menina torna-se cada vez mais parecida com a mãe.

Com o passar do tempo, sempre escondida em meio a seus livros e filmes, Ana Luísa continua sofrendo calada o complexo por sua raça. Nos chás organizados pela avó, em meio aos comentários da Guerra e da situação vivida pelos judeus, a jovem sente-se mais e mais acuada. Até o dia em que conhece Rodrigo e, com ele, a liberdade. O encontro com Rodrigo significa um encontro com sua sexualidade e, mais do que isso, um encontro consigo mesma. É seu amor pelo rapaz – mesmo que, afinal, a avó tenha conseguido afastá-los utilizando seu dinheiro para pagar a viagem do jovem para a Irlanda – que lhe dá forças para romper a trama urdida pela “avó-rainha”. Ao enfrentar seus medos – já não parecia tão amedrontada como as mulheres do velho álbum de fotografias – e seu complexo de raça – “É que também sou Ferensen, atalhei-a. O lado ruim.” – Ana Luísa pode, finalmente, ir embora.

Vejamus a metáfora do espartilho que permeia todo o conto – as mulheres espartilhadas do álbum: o espartilho é uma vestimenta que dá forma ao corpo, sustentando-o com firmeza, uma espécie de colete com barbatanas; no conto, simboliza a estrutura rígida à qual as personagens do álbum estavam submetidas – sua sexualidade, sua liberdade, tudo era cerceado – ou seja, para elas, “presas naquela vestimenta”, naquela estrutura social, o espartilho torna-se uma metáfora para a própria opressão. No final do conto, essa metáfora ganha intensidade sinalizando, porém, outras nuances. Observando que a avó sente-se mal, Ana Luísa a interpela: “Quer que tire seu espartilho?, perguntei quando meus dedos tocaram na rigidez das barbatanas. ‘Não, filha. Eu me sentiria pior sem ele.’”<sup>10</sup> A avó está tão perfeitamente enquadrada em uma estrutura social da qual desde cedo não só fizera parte, mas na qual tinha papel ativo – julgar, manipular, controlar – que não consegue se ver fora dessa estrutura,

---

<sup>10</sup> TELLES. *A estrutura da bolha de sabão*, p. 64.

afirmando que *se sentiria pior sem ele*. A crítica sutil da escritora se apresenta: embora o conto se passe na Segunda Guerra Mundial, o que se discute é o comportamento de uma classe burguesa preconceituosa, comportamento esse ainda vigente em muitos segmentos. Certas posturas e máscaras sociais, em algumas pessoas, se encaixam tão perfeitamente que o que amedronta é viver fora delas. Afinal, quem ousa e questiona é criticado pelo sistema, tem de estar disposto a arcar com as conseqüências por desafiar a ordem dominante. E disso, sabemos, poucos são capazes.

Apesar da qualidade estética inquestionável de seus textos, percebe-se que a literatura de Lygia Fagundes Telles, ao tratar de temas sociais tão importantes como o preconceito, cumpre também um papel – e por que não? – político. Para a autora, vale salientar, ética e estética são a mesma coisa, conforme afirma em entrevista aos *Cadernos de Literatura Brasileira*. Ou seja, uma estética descomprometida com os valores éticos que devem permear as relações humanas é uma estética “fraturada”. Em Lygia, o que parece predominar é a arte a serviço de algo maior do que o “deleite” puramente estético, é a arte capaz de tocar as pessoas por sua capacidade de despertar a consciência do leitor para algo; afinal, a palavra é uma forma de poder capaz de tecer e descosturar os fios invisíveis que nos ligam ao outro; é por meio do que ela exprime e silencia que a alteridade vai se configurando. Uma literatura preocupada em compartilhar experiências.

Para concluir, creio que vale a pena rever um certo pensamento da escritora sobre a literatura que deixa clara sua preocupação política, no sentido de preocupar-se com o outro, de estabelecer uma “ponte” com seu leitor. Em entrevista citada anteriormente, ao ser indagada sobre se a literatura melhora as pessoas, Lygia responde:

Pode melhorar, sim. Pode desviar do vício, da loucura. Pode estancar a loucura através do sonho. (...) Eu tenho vontade de servir ao próximo, verdadeiramente. E a literatura me proporciona isso. (...) Mas essa certeza de que posso servir ao próximo, essa esperança, não vai desaparecer enquanto eu for viva. É uma forma de amor. Acho que é isso. No fundo, a literatura é uma forma de amor.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, p. 43.

**Referências**

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, mar. 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.